

**STATUS DAS MULHERES E A PRODUÇÃO DE PANO MARCADO NO POVO
MANDJAKU, GUINÉ BISSAU: TEMAS EMERGENTES A PARTIR DO
INGRESSO DE JOVENS GUINEENSES NAS UNIVERSIDADES¹**

Ericânia Almeida Gomes (UNILAB/ FUNCAP)

Natalia Cabanillas (UNILAB/ FUNCAP)

O pano marcado é o um artefato cultural da Guiné-Bissau, usados nas grandes festividades e rituais de passagem da etnia *Mandjaku*. Estes panos são produzidos exclusivamente por mulheres, através de marcas (bordados) sobre um *pano de pinti*, cujas cores e formas transmitem mensagens relativos ao contexto do ritual no qual serão utilizados. Atualmente na Guiné-Bissau, o pano marcado tornou-se fenômeno no país por fortes aderência das outras etnias e inclusive a sua inclusão nas cerimônias do Estado. Existem trabalhos acadêmicos sobre os panos de pinti em Guiné-Bissau, objeto produzido prioritariamente por homens e muito popularizado; porém, os panos marcados produzidos por mulheres, apesar de serem mais importantes- ainda não tem uma discussão acadêmica com este foco. Este trabalho estuda os significados e usos rituais do pano marcado, e como, através de produção, as mulheres Mandjaku constroem um status social de reconhecimento, uma fonte de renda e uma associação com as atividades espirituais da comunidade Mandjaku, conforme apontado nos resultados preliminares de pesquisa. Foram realizadas até agora três entrevistas em profundidade em 2022 e quatro em 2024 através de redes sociais e de forma presencial na cidade de Fortaleza, com mulheres mandjaku originárias de Caio, que moram em Guiné-Bissau ou na diáspora no Brasil. As entrevistas foram conduzidas nas línguas crioulo e mandjaku, dependendo da preferência da entrevistada. Entre os resultados preliminares podemos afirmar que a produção de pano marcado visibiliza e reforça o papel das mulheres Mandjaku nas comunidades, desde que os panos marcados são indispensáveis nos diversos rituais, desde casamento até investidura do regulo. Este tipo de pano não é encontrado no mercado, e é comercializado apenas entre a produtora e quem solicita o trabalho, usualmente uma pessoa da família ou

¹ Trabalho apresentado na 34ª Reunião Brasileira de Antropologia em Belo Horizonte, 2024.

da vizinhança da produtora. Também podemos afirmar que possui um papel económico na vida das mulheres que marcam o pano, pois elas o reconhecem como um ingresso complementar de relevância e que lhes permite enfrentar pagamentos de taxas de educação, entre outras coisas. Embora na bibliografia académica sobre os povos mandjaku e sobre Guiné Bissau há um consenso em considerar os povos mandjaku como patriarcais, este trabalho discute a ideia de que são povos unívoca ou absolutamente patriarcais. Assim, esta pesquisa discute as formas nas quais as mulheres mandjaku constroem status e são reconhecidas através de atividades tradicionais, dos seus vínculos e participação na construção da religiosidade das comunidades às quais pertencem. O pano marcado simboliza ancestralidade e resistência de um povo que tem a oralidade como base dos seus ensinamentos e que os mantém vivos também através de linhas femininas de transmissão para gerações futuras.

Palavras-chave: Pano Marcado; Mulheres; Mandjaku.

INTRODUÇÃO

O pano marcado é o um artefato cultural da Guiné-Bissau, usados nas grandes festividades e rituais de passagem da etnia Mandjaku, que são casamento, *toca tchur*², *fenadu*³ e dentre outras. Estes panos são produzidos exclusivamente por mulheres Mandjaku de Caió, Cadjuquite, Pexice, Djeta, Caliquice. As mulheres fazem marcas (bordados) sobre um pano de pinti branco, com agulha de costurar roupas, e nela colocam diferente cores de linha de algodão e formam desenhos que transmitem mensagens.

Este trabalho estuda os significados e usos rituais do *pano marcado*, e como, através da sua produção, as mulheres Mandjaku constroem um status social de reconhecimento, uma fonte de renda e uma associação com as atividades espirituais da comunidade Mandjaku. Levando em conta que existe variação entre *tabancas* o trabalho centralizou-se com as mulheres da *tabanca* de Caió. A pesquisa é do cunho qualitativa com análise bibliográficos, textos relacionados com tema de pesquisa e entrevistas com produtoras

² É um ritual que se faz para os mortos. A rigor é uma homenagem, que segundo os ancestrais é necessária para a paz espiritual do morto. Caso não seja feita a cerimônia de homenagem, a alma do morto não descansa em paz. (JALÓ,2016, p.39).

³ Ritual de passagem ou circuncisão.

dos panos na língua crioula e Mandjaku. Mediante isso, os panos marcados se encontram dentro de um discurso mais abrangente. Em termos físicos, o pano marcado é uma das especiarias do pano de pinti. Este é um artefato cultural guineense cuja produção é realizada especificamente por homens, na sua maioria da etnia Pepel. Com a iniciativa de jovens guineenses que estudam na Unilab, o *pano de pinti* ganhou notoriedade como tema de pesquisa, e já existem cinco trabalhos acadêmicos que problematizam o *pano de pinti*, só nesta Universidade. O *pano marcado*, apesar de ser um dos mais importantes na vida social e religiosa mandjaku ainda não tem sido objeto de pesquisa. A produção dos panos marcados é uma atividade extra para as mulheres, que tem trabalhos domésticos e agriculturas como tarefas principais. Estes dois últimos, que infelizmente, ainda não são classificados como trabalhos remunerados no sistema capitalista guineense. Os povos Mandjaku, fazem parte das mais de 20 etnias que compõem a população de Guiné-Bissau, e habitaram a maior parte da região de Cacheú, norte do país. Dentro da etnia Mandjaku, existe subgrupos geograficamente delimitados, cada um com suas especificidades.

Para Bernardo De Jesus (2018), a organização de sociedade mandjaku, variam de matrilinear ou patrilinear. Porém, a maioria adquiriu a matrilinearidade como base para organização das tabancas. Isso acontece segundo ele, citando Mendes (2018), que a linhagem de cada mandjaku provem da parte de mãe.

A organização social de mandjaco assenta-se, em primeiro lugar, sobre clânica matrilinear, ou seja, cada mandjaco pertence á parte de mãe e é descendente de um dos oito ancestrais místicos que estão na origem dos clãs atuais: Batcha, Batat, Baig, Bafiai, Batchor, Batchafanh, Batchatchan e Batchichu. O clã de batchatcham são linhagem reinante (reis). (De Jesus 2018 apud Mendes, 2018. P.77).

METODOLOGIA

O trabalho é do cunho qualitativo, com base dos procedimentos sugeridos pela escritora Grada Kilomba na sua obra “memórias de plantação” tratar as mulheres negras entrevistadas na pesquisa e na escrita como sujeitas, e não como objetos ou mesmo informantes. De acordo com a Grada Kilomba (20, p.30), “escrever é um ato de descolonização no qual quem escreve se opõe a posições coloniais tornando-se a/o escritora/escritor “validada/o” e “legitimada/o” e, ao reinventar a si mesma/o, nomeia uma realidade que fora nomeada erroneamente ou sequer fora nomeada”. Trabalhar com mulheres produtoras do pano marcado e criando um espaço para que vozes sejam audíveis

dentro da pesquisa é um ato de descolonização, que não se limita apenas ao fato de eu pertencer à comunidade mandjaku. Segundo Oyéronké Oyewúmi (2004), pertencer não é suficiente, para ter uma perspectiva endógena/ “desde dentro” precisa também de utilizar outros métodos e procedimentos coerentes com a descolonização do conhecimento. Por outro lado, objetiva-se descrever as características dos fenômenos (identidade cultural) e estabelecer relações entre materiais de estudo. No caso da presente proposta de estudo, tende-se a delimitar investigação na produção de pano marcado na etnia Mandjaku de Caió e suas relações com o status das mulheres.

Foram realizadas até agora três entrevistas em profundidade em 2022 e quatro em 2024 através de redes sociais e de forma presencial na cidade de Fortaleza, com mulheres mandjaku originárias de Caio, que moram em Guiné-Bissau ou na diáspora no Brasil. As entrevistas foram conduzidas nas línguas crioulo e mandjaku, dependendo da preferência da entrevistada. De salientar, que todas as interlocutoras são mulheres da minha família por parte de mãe, nascidas e criadas na tabanca de Caió, Guiné-Bissau. Desde muito nova pude acompanhar os trabalhos delas de perto, embora nasci em Caió e cresci no capital do país, porém faço parte de duas tabancas que produzem pano marcado, tabanca de Caió e Djeta. Tanto minha mãe como meu pai fazem parte dessas duas tabancas.

RESULTADO E DISCUSSÃO

Nos resultados preliminares podemos afirmar que a produção de pano marcado visibiliza e reforça o papel das mulheres Mandjaku nas comunidades, desde que estes artefatos são indispensáveis nos diversos rituais, desde casamento, *toka tchur* dentre outras, como argumentou Jaló (2019, p.14), “de todos os panos dos Mandjaku o mais importante para as mulheres é o pano marcado”. No casamento Mandjaku chamado de *manda cabaz*, a noiva coloca o pano marcado na cintura em cima dos outros *panos de pinti* e usa na cabeça como véu e o noivo, ele só usa um pano na cintura. Nos *toka tchur* é obrigatoriedade os membros da família da pessoa falecida usarem pano marcado com camisa de choca⁴. Durante as cerimônias, os usos do pano marcado por amigos e colegas é opcional, como mostra a figura 1.

⁴ Camisa ou blusa branca com renda na gola.

No ritual de e *katchiituram*⁵, que é um ritual de passagem de faixa etária de jovem para adultos seja homens ou mulheres, os panos marcados servem de enfeite do local onde ficam as meninas que vão para dança chamado de *Untadjú*⁶.

Figura 1- Mulheres de família Gomes Blez, vestidas de pano marcado e de camisa de choca na cerimônia de *toka tchur*.



Fonte: Idrissa Gomes, 2021.

A produção do pano marcado é um trabalho manual onde as mulheres produtoras pegam no pano de pinti branco e fazem os bordados com agulha de costurar roupa e nela levam diferentes cores de linhas algodão que formam desenhos com um padrão estético próprios, como retrata a figura 2. No entanto, as cores das linhas usadas nos trabalhos de marca não têm significados, segundo as minhas vivências. Para Iê (2021), as cores se relacionam com a dimensão identitária, no caso dos panos de pente. Os desenhos que encontram nos panos são da criação de cada marcadora, dependendo de inspiração de cada uma, e cada um desses desenhos são chamados por elas de “letras”, como conta a

⁵ *katchiituram* é o ritual de passagem que acontece todo o ano no mês de dezembro, segundo Da Costa (2022, p.5),” é uma cerimônia que tem três motivos: o primeiro-, avaliar entre aqueles jovens que têm mais estrutura física para resistir o frio; segundo-, engrandecer a representação de uma geração e por último, adotar à criação de um incentivo para os homens príncipes (Undigas4), na língua mandjaku.”

⁶ *Untadjú* é a barraca coberta de panos de pinte. Esta construção é feita pelos próprios jovens que fazem parte da mandjuandadi. Igualmente e com antecedência eles avisam o presidente, a pessoa escolhida, sobre a data e a hora em que será realizada a construção da referida barraca. Os manifestantes e o padrinho, acompanhados com cinco litros do vinho de palma, fazem a alugação de couro de vaca que é denominado de “Upam”, a sua alugação é feita por três dias com cinco litros do vinho de palma (que é extraído de palmeira) para entrada e cinco para retorno da mesma. (TÂNIA JALÓ, 2018, p.13)

estudante Múrida Gomes. A Múrida, é estudante de Direito na Universidade Lusófona de Guiné e produtora do pano marcado.

Durante a marca a primeira cor usada no processo é cor laranja e depois vem cor escura e depois cor clara de acordo com a letra (desenho). Esta cor usada não tem nenhum significado, mas o uso de laranja primeiro é uma marca para garantir a beleza do pano (Múrida Gomes, 2023).

Figura 2- adolescente fazendo marca (bordado) no pano de pinti branco. Na mão direita, ela, segurou a banda com auxílio da perna e na mão esquerda segurou agulha que nela estava enfiada de linha algodão para fazer bordado em cima do pano.



Fonte: Idrissa Gomes, 2022.

Entretanto, existem dois tipos de panos marcados, um que leva o barbado (desenhos) na parte de baixo e outro pano que são inteiramente bordados. A primeira custa em média de 40 xof franco franceses que corresponde a 320.62 reais. Segundo Múrida Gomes, produtora do pano marcado, “antigamente era usado só por pessoas mais velhas nos

rituais sagrados e não era uma obrigação na *collegaço*⁷, o que não acontece mais nos dias atuais, porque se usam todos os dois. Já o outro tipo de pano marcado, que levam bordados inteiro é chamado de *curpo intido*⁸, que custa média de 100 a 120.000xof que corresponde a 801,56 a 1.122,18 reais. Este não era obrigatoriedade o uso dele nos rituais sagrado, porem era de uso de pessoas que tinham bons condições financeiras, e servia de status social porque são mais caros. De salientar que os preços dos panos podem variar dependendo da relação entre quem solicita o pano com produtora.

No entanto, o pano não é encontrado no mercado, e é comercializado apenas entre a produtora e quem solicita o trabalho, usualmente uma pessoa da família ou da vizinhança da produtora. Isso se dá porque as mulheres além de serem produtoras do pano, elas também são mães e esposas, e é dos costumes as mulheres tomarem conta dos trabalhos domésticos e ainda ajudar na lavoura e como na colheita dos alimentos tantos na época de castanha de caju assim como na colheita de arroz e maiorias delas são também agricultoras e a produção de *pano marcado* acaba sendo como um trabalho extra como explica uma das entrevistadas.

Nascemos e crescemos vendo as nossas avós e mães a fazerem todos os trabalhos domésticos e nós na fase adulta ou casadas continuamos com essa tradição porque foi o que nos ensinaram. Já casada quando levantamos devemos fazer os trabalhos domésticos, cozinhar por marido e filhos, para depois irmos para a bolanha que é o nosso trabalho, quando regressamos tomamos banhos e por fim pegamos nos panos brancos para fazer marca. Com a marca conseguimos dinheiro para comprar sabão, alho, caldo e principalmente pagar escolas dos filhos para futuramente ter uma vida economicamente melhor do que a nossa. (CELESTE GOMES)⁹

Assim sendo, o pano marcado também possui um papel económico na vida das mulheres que marcam o pano, pois elas o reconhecem como um ingresso complementar de relevância e que lhes permite enfrentar pagamentos de taxas de educação, entre outras coisas como alega a primeira entrevista e assim como a segunda. Conforme mencionamos antes, embora as mulheres realizam inúmeras tarefas domesticas e agrícolas, a marcação de pano é a única tarefa que envolve uma remuneração monetária direta pelo produto. Assim também, é uma atividade que envolve criatividade. Pois embora a pessoa que encarrega o pano, é a própria marcadora quem vai definir como vai traduzir essas

⁷ Collegaço é um grupo das pessoas da mesma faixa etária. Esse grupo é formado com intuito de fortalecer laços de amizades, serve de apoio para qualquer membro que está passando por momentos difíceis, como perda de um familiar ou mesma nos momentos de alegria, exemplo, casamento de um dos membros onde o grupo ajuda financeiramente.

⁸ Curpo intido significa em português corpo inteiro por levar o bordado em todo pano.

⁹ A Celeste Gomes é mãe solteira e produtora do pano marcado com residencia temporaria em fortaleza.

informações em marcas. A adesão das outras etnias ao uso do pano marcado melhorou a vida de muitas produtoras.

Atualmente o uso de *pano marcado* virou moda. As buscas por nós produtoras do pano marcado aumentaram-se por conta da adesão das outras etnias pelo pano e isso ajudou muito no crescimento da nossa economia e conseguimos ter os nossos próprios panos de *curpo intido* através dos restos das linhas que sobram de cada marca. Muitos de nós conseguem pagar estudos dos filhos e sustentar a casa com dinheiro que arrecadamos na produção do *pano marcado*. (Mùrida Gomes, 2023)

Como acima escrito, o pano marcado além de exercer um papel econômico, ele também é um dos elementos importantes na construção do papel social das mulheres Mandjaku. As mulheres que possuem títulos de marcadora de pano, acabam ganhando status social maior dentro da comunidade, para isso, todos que precisarem dos trabalhos delas devem ir aos encontros delas, porque pano marcado, é sinónimo de riqueza para os mandjaku, e quanto mais tiver maior é sua riqueza, para Gomes (2023).

...O *panu marcado* representa a identidade do povo Mandjaku, as bordas feitas nos panos além de contar as histórias do povo Mandjaku; ele também é artes das mulheres que muitas das vezes são vistas pela academia como incapazes, pelo fato de não possuírem um diploma acadêmico, mas são detentoras de uma das artes mais valiosas dentro da cultura guineense. (2023, P.16).

Sendo assim, o pano marcado é um dos panos que não pode faltar na mala¹⁰ de uma mulher Mandjaku. Já na fase adulta, as mulheres são obrigadas a possuírem pelo menos um pano marcado para frequentarem *toca tchur*, cerimônias religiosas, nos casamentos, nos grandes encontros de *Mandjuandadi*¹¹ dentre outras, como relatou a jovem produtora do pano marcado, Martina Rodrigues Cumaia. A Martina concluiu ensino médio em 2010, não conseguiu dar continuidade aos seus estudos porque engravidou do seu primeiro filho e por conta disso perdeu apoio que tinha do pai, entretanto, ela foi morar com o namorado. Atualmente, ela é mãe solo de um adolescente e três crianças e com residência fixa em Caió, Cacheú.

O pano é sinal de civilização na cultura Mandjaku. As mulheres na fase adultas devem ter panos para realizar alguns rituais importante, e uma delas é o casamento. Nos rituais de casamento a noiva é vestida com diferentes tipos de panos na quais pano marcado que leva o bordado só por parte de baixo. (MARTINA RODRIGUES CUMAIA, 2022)

Para os mandjaku é tradição as mães vestirem as filhas, mesmo ainda criança ou adulta, com panos marcadas quando tem uma *toca tchur* ou velório de um familiar próximo.

¹⁰ Mala é um bau de madeira aonde estão guardados todas as riquezas da mulher.

¹¹ Mandjuandadi é grupo ou organização de pessoas da mesma faixa etária.

Desta forma as mães já começam a mostrar para as filhas o valor do pano, assim, desde muito cedo ensinam as filhas fazerem marca no pano de pinti, e é como se estivesse falando para elas, “eu já cumpri com a minha missão agora é vez vocês de darem a continuidade com a tradição”. Esse ato é visto como passagem dos conhecimentos dos/as ancestrais para nova geração, que têm também essa missão de transmitir para os que vem depois. Por tanto os panos não são simples trajés de uso nas festas, mas ele é um elemento central que serve de elo entre religiosidade e o povo mandjaku, e entre a mulheres com sociedade Mandjaku mais também a resiliência de um povo que nunca deixou levar pela “modernidade”. Segundo Jaló (2018), é o pano mais importante para as mulheres mandjaku.

CONCLUSÃO

Enfim, os panos marcados nos permitem pensar como a sua produção impactam na vida social das mulheres que os produzem dentro da comunidade Mandjaku. Por tanto, no processo da produção do pano marcado, as mulheres conseguem transmitir ensinamentos femininas, que são passadas de geração a geração, o que mostra a continuidade dos saberes ancestrais transmitido pela oralidade. Com isso, elas, acabam ganhando um certo respeito na comunidade, pois o trabalho delas, tem um reconhecimento social, cultural e religiosa.

Apesar disso, o pano marcado ainda continua sem nenhuma discussão acadêmica. Os ingressos de jovens guineenses nas Universidades, em específico da Unilab, permitem emergência de novos temas de pesquisas remetentes a Guiné-Bissau. E o pano marcado evidência que a invisibilidade das mulheres nas sociedades Guineense não tem a ver com a escolha da profissão, pois a produção de panos é altamente valorizada. No entanto, obedece ao simples fato de serem mulheres mandjaku numa sociedade que herdou dos colonizados os modelos para organização das sociedades que menosprezam a contribuição das mulheres nos espaços públicos

REFERÊNCIAS

COSTA, Vladimir da. **Katchituran em Caió, Guiné-Bissau: o povo Mandjaku e a formação do imaginário étnico-social**. 2022.

DE JESUS, Bernardo Gomes. Manjacos da Guiné-Bissau: sobre discursos, cultura, saberes e tradições no período colonial e pós-colonial. **Monografia. Licenciatura em História–Universidade Federal do Rio Grande do Sul**, 2018.

GOMES, Ericânia Almeida. **A Construção Do Panu Marcado Pelas Mulheres Da Etnia Mandjaku De Caió, Guiné-Bissau: Usos E Significados**, UNILAB, 2023.

GOMES, Idrissa. Mulheres da família Gomes Blez vestida de pano marcado com asmisa de choca na cerimonia de toka tchur. 2021.

GOMES, Idrissa. **Adolescente fazendo marca (bordado) no pano de pinti branco**. 2022

IÉ, Jacque Mário Almeida. **Usos e valor de panu-di-pinti nas cerimônias tradicionais de povo papel em biombo - (Guiné-Bissau)**, UNILAB, 2021.

JALÓ, Tânia Correia. **A presença das estamparias (panos de pente) na etnia Manjaco**, UNILAB. 2016.

JALO, Tania Correia. **O ritual, cerimônia de Katchituran na cidade de Caio**. 2019.

KILOMBA, Grada. **Memórias da plantação: episódios de racismo cotidiano**. Editora Cobogó, 2019.

OYĚWÙMÍ, Oyèrónké. **Conceituando o gênero: os fundamentos eurocêntricos dos conceitos feministas e o desafio das epistemologias africanas. Tradução para uso didático de: OYĚWÙMÍ, Oyèrónké. Conceptualizing Gender: The Eurocentric Foundations of Feminist Concepts and the challenge of African Epistemologies**. African Gender Scholarship: Concepts, Methodologies and Paradigms. CODESRIA Gender Series, v. 1, p. 1-8, 2004.

SEMEDO, Maria Odete da Costa Soares. **As Mandjuandadi, cantigas de mulher na Guiné-Bissau: da tradição oral à Literatura**. Belo horizonte, 2010.